

## **CRIMINOSA OU LOUCA? VESTÍGIOS DO DIAGNÓSTICO E TRATAMENTO DOS TRANSTORNOS MENTAIS NO INÍCIO DO SÉCULO XX**

*Maria Amália Rocha<sup>1</sup>*

---

WADI, Yonissa Marmitt. *A história de Pierina: subjetividade, crime e loucura*. Uberlândia: Edufu, 2009. 460 p.

---

Cartas anexadas ao prontuário de uma interna do Hospício São Pedro, em Porto Alegre-RS, jamais entregues aos seus destinatários, foram o ponto de partida para as investigações históricas relatadas nesse livro. Dele emergem não apenas a figura e a voz de uma mulher atormentada, imersa em infinita desesperança, mas muitos detalhes de uma época (a primeira década do século XX), de um lugar (a colônia Conde D'Eu, atualmente Garibaldi-RS) e de uma sociedade (imigrantes italianos). Mas poderia ser qualquer outro tempo, endereço ou clã: afinal, a loucura não é um evento previsível.

Em se tratando de uma investigação histórica, o impactante fato central do livro é apresentado sem nenhum suspense: o que motivou a internação de Pierina Cechini como louca foi o assassinato por afogamento de sua filha – com pouco mais de um ano de vida – tão premeditado quanto claramente anunciado, a ponto de, por duas vezes, mãe e filha serem separadas. Ré confessa e dizendo-se sem arrependimento, Pierina passou por inquérito policial, prisão e, por fim, o hospício; tudo meticulosamente levantado em documentos de diversas fontes. Porém, a historiadora abre um extenso leque de pesquisas abrangendo assuntos como a convivência e os

---

<sup>1</sup> Graduada em Comunicação Social/Jornalismo, com especialização em Educação e Organização do Trabalho nas Instituições de Ensino Superior. É editora de publicações da Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: rocha.amalia08@gmail.com

costumes familiares dos imigrantes italianos, o trabalho, questões de gênero, o inquérito policial e o julgamento, a religiosidade, medicina e psiquiatria, entre outros, na tentativa de contextualizar o acontecimento e sondar suas motivações, o que faz com que o texto mantenha a capacidade de surpreender o leitor mesmo depois do forte impacto inicial.

Elaborado a partir de uma tese, este livro é composto de uma introdução em quatro partes, seguida por três grandes capítulos e um epílogo. Logo na introdução apresentam-se as cartas, com “algumas leituras possíveis” e o crime de Pierina. Feito isso, a autora começa sua tentativa de elucidar os círculos concêntricos dessa vida e desse ato, como o trabalho, a família, a terra, o casamento, as sociabilidades, o nascimento da filha e a rotina diária, esmiuçados no primeiro capítulo. No segundo, estão as questões da perturbação na mente da personagem, as tentativas de compreensão do estado de Pierina (por parte da família e dos médicos), que ou tentava se matar ou ameaçava pôr fim à vida da filha. Descreve a primeira tentativa de internação no hospício da capital, a contrariedade da sua volta para casa, motivada pelo fato de não querer ser uma “mulher de rua”, e os reflexos da morte do patriarca.

O terceiro capítulo analisa o inquérito policial, o processo-crime, aspectos do julgamento, a perícia médica, o depoimento de Pierina ao juiz e sua reconciliação consigo mesma e com a religião, motivada pela convivência com as irmãs de caridade que trabalhavam nas duas instituições de saúde onde esteve. A história da construção e do funcionamento do Hospício São Pedro é explorada, bem como aspectos da medicina daquele tempo e as dificuldades do trabalho diário, comparando-os a escritos sobre outras instituições equivalentes, como o proverbial Juquery, no Rio de Janeiro. Mostra o “retrato”, feito por Pierina, do manicômio, dos médicos, enfermeiros e demais funcionários, com os quais colaborava. Revela estágios do conhecimento e da pesquisa acerca da loucura no Brasil.

No epílogo, marcado principalmente pela pesquisa junto aos cartórios de registro civil, está o imprevisível rumo dado à história de Pierina: quando muitos internos passavam o resto de suas

vidas nas instituições a contragosto, ela – que preferia e pedia para dali não sair mais – é liberada após dois anos de internação e volta para a casa e para o casamento que abominava, tornando-se mãe de vários outros filhos.

A autora deixa claro logo de início que onde encontrou lacunas na documentação histórica que prejudicassem o fluir da investigação, usou a imaginação dedutiva e muitas indagações para preenchê-las. Enfatiza que os registros do pensamento dessa mulher e a análise de todos os documentos pesquisados não bastam para definir se era louca ou não. Justamente o que se buscou nesse livro não foi essa definição e sim explorar as situações que envolvem um indivíduo “situado na fronteira entre a razão e a loucura” (p. 402), como era diagnosticado e tratado seu problema. A própria Pierina rotula-se várias vezes como louca, sendo esta uma das suas razões para matar o seu “anzinho” – para que não crescesse apontada como a “filha da louca”. Mas, ao ser condenada ao internamento no Hospício, nega essa loucura, define-se como criminosa e suplica pela cadeia. É então que se discute a consciência que a interna tinha de si e de seus atos, e o pensamento que a família, as autoridades e os médicos tinham dela.

Uma das qualidades do livro é o fato de que a história dessa mulher não foi escolhida ao acaso: certamente nos documentos do hospício São Pedro não faltam relatos para serem analisados por pesquisadores. Ela foi alvo dos estudos de Yonissa Wadi justamente por não ser um caso comum. “Pierina não foi uma ‘criminosa passional’ – no sentido das mulheres que matavam maridos, amantes ou companheiros” (p. 32), nem era uma alienada da sua própria realidade, tanto que em momento algum nega o ato que cometera; antes, era inconformada com sua vida.

Sempre frustrando as expectativas de todos – e sendo frustrada – a vida de Pierina foi marcada por contradições: quando se proclamava louca, diziam que era apenas fraqueza física. Amava a filha e a afogou. Quando se entendeu apenas criminosa, foi dada como louca. Quando quis a cadeia, deram-lhe o hospício. Quando amou o hospício e o desejou para o resto de seus dias, deram-lhe a “liberdade”, sendo que em sua casa sentia-se presa de um mau destino e desejava a morte. Internada no hospício, viu-se livre daquele destino e descobriu um novo sentido para a vida.

A julgar por suas cartas, nas quais registra seus sentimentos, pensamentos e o mundo ao seu redor, bem como descreve as avaliações médicas feitas em ocasião anterior ao crime, poderia-se pesquisar sinais de personalidade depressiva, que via a morte como única solução para o sofrimento. Como não conseguiu dar cabo de si mesma, após dramáticas tentativas, decidiu que a filha teria que morrer, para não sofrer como ela. Os depoimentos de familiares e vizinhos contrastam radicalmente com suas palavras, levando o leitor a indagações: será que só ela via e sentia profundamente as agruras da vida? Ou será que a vida era boa e só ela não percebia?

Por outro lado, tomando por base palavras da sentença judicial, diríamos na linguagem de hoje, sempre leigamente, que esteve com depressão pós-parto: “uma pobre mulher que teve sua razão perturbada pelos suplícios do parto”, agravados pela “dificuldade na amamentação”, pelos “primeiros trabalhos da maternidade” e por “dificuldades materiais e morais que pode ter um casal pobre de colonos” (p. 418).

A leitura faz-se interessante não só para quem estuda a história pelo prisma da loucura, mas também para aqueles que gostam de remexer no “baú de conceitos e costumes” do passado na tentativa de entender o presente. Sentimos falta da íntegra das cartas de Pierina, mesmo que como anexo, porque além da curiosidade que os trechos citados despertam no leitor, essas cartas estariam assim disponíveis para novas abordagens – na psicologia e psiquiatria, por exemplo – de forma fazer ecoar “o que restou de sua voz” (p. 289), de maneira a colaborar para uma melhor compreensão dos que passam por sofrimentos psíquicos.

Para os pesquisadores do tema “História e loucura”, porém, o que o livro traz de mais interessante é a interpretação subjetiva das cartas de Pierina e a investigação objetiva dos meios de diagnóstico e tratamento da doença mental no início dos anos de 1900, bem como um panorama dos estágios do conhecimento e da pesquisa acerca da loucura no Brasil. Neste quesito, a autora trabalhou com 30 relatórios de hospícios (sendo 25 do São Pedro), cinco prontuários psiquiátricos e farta literatura. Ela faz ainda um

esboço de como a sociedade – representada pela família, vizinhos, mais a polícia e a justiça em suas movimentações em torno do infanticídio – lidavam com a perturbação mental de seus membros.

Pelos relatos, vê-se que desde aquela época os profissionais de saúde clamavam por um estilo de tratamento dos doentes mentais que abolisse as grades e a aparência de prisões que os “palácios de guardar doidos” tinham. Podemos vincular isso com os primórdios da chamada “luta antimanicomial” que atingiu seu ápice em 2001, quando da promulgação da Lei Paulo Delgado (Lei nº 10.216 de 6 abr. 2001).<sup>2</sup> Esta lei reformulou os serviços de saúde mental no Brasil, priorizando o tratamento em unidades de atendimento sem internação e estipulou os direitos das pessoas com transtornos mentais. Curiosamente, o estado onde morava Pierina foi o precursor desta lei nacional, tendo aprovado em 1992 uma lei estadual equivalente.

No entorno do fato principal – a suposta loucura de Pierina – outros pesquisadores podem encontrar neste livro as referências aos estudos sobre gênero, casamento, sexualidade, família, imigração italiana, processo penal, psiquiatria, subjetividade e criminalidade relacionados com a época já citada e baseados no estudo de quatro processos criminais e mais 49 tipos diversos de documentos, fora a intensa literatura, acadêmica e não acadêmica, abrangendo a história social da loucura, psiquiatria, e outros temas.

Outra questão interessante que se observa nas cartas de Pierina é a escrita de si: a reinvenção da individualidade e a autointerpretação proporcionada pelo registro gráfico dos pensamentos, emoções e circunstâncias da vida. Para além de tudo isso, Yonissa enriquece a pesquisa ao trabalhar com a percepção que sua personagem tinha sobre o ambiente em que vivia internada, trazendo as comparações possíveis com os registros de outros internos de manicômios, como a escultora francesa Camille Claudel, o escritor brasileiro Lima Barreto, bem

---

<sup>2</sup> BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei nº 10.216, de 6 de abril de 2001. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/LEIS\\_2001/L10216.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/LEIS_2001/L10216.htm)>.

como os prontuários de duas outras internas do Hospício São Pedro, contemporâneas de Pierina. Pesquisadora da área, essa autora tem outras publicações, dentre as quais destacamos o artigo “Um lugar (im)possível: narrativas sobre o viver em espaços de internamento”,<sup>3</sup> no qual aprofunda a análise dos escritos de Camille e traz outra personagem, Stela do Patrocínio, internada no Rio de Janeiro.

Cabe, finalmente, um comentário à imagem da capa, assinada pela artista Edy das Graças Braun, que traduz quase literalmente a cena da loucura de Pierina: uma mulher cinzenta e desgredada parece arrastar uma criança até aos traços que lembram a água do afogamento. As cores das duas figuras humanas são emblemáticas. Nas costas da mulher, tons escuros em movimento parecem empurrá-la contra a pequena. O vermelho que escorre à sua frente, parecendo sair de sua cabeça, remete à morte premeditada e iminente da filha. Como se fosse um limite, essa mancha vermelha sugere o fim do futuro para essas duas vidas.

Recebido em: 20/4/2012  
Aprovado em: 20/5/2012

---

<sup>3</sup> WADI, Yonissa M.; SANTOS, Nádya Maria W. (Org.). *História e loucura: saberes, práticas e narrativas*. Uberlândia: Edufu, 2010.